De cidades foram pra metrópoles, de metrópoles para megalópoles e disso para o qual os nomes não importavam mais.

A pólis se torna onipresente no planeta. A cada milímetro cúbico de cada continente, até mesmo dos polos, até mesmo os vulcões. A cada gota do oceano, até suas profundezas.

O processo de simbiose entre o planeta e a tecnologia onipresente nas pólis é consolidado.

Há um curto circuito como consequência dessa fusão.

O planeta "desperta" e adquire consciência própria, e com os meios que a tecnologia lhe permitiu criou braços e pernas para sair de orbita e reivindicar seu próprio trajeto.

Por contingência as cargas que correm para gerar essa eletricidade que sustenta a simbiose entre o organismo vivo e a tecnologia onipresente, também adquirem consciência.

Mas desconhecem a origem dela.

Desacreditam de onde vieram e passam a seguir seu próprio rumo dentro das circunstâncias inevitavelmente implícitas a sua existência: gerar energia.

Para conviver com essa contradição de livre arbítrio e determinismo, criam uma sociedade que permeia entre esses dois polos para assim viverem sua consciência ao mesmo tempo que geram energia (mesmo que não mais acreditem para o quê).

A justificativa sempre muda ao decorrer da história gerada e contada pelas próprias cargas, infelizmente nem todas elas, pois com a consciência surge o ego e com o ego surge a necessidade de expansão que levou as circunstancias que essa sociedade enfrenta agora.

As cargas vivem segundo as leis do mundo quântico.

Mas o mundo quântico é muito confuso para consciência primitiva. Como adquiriam a pouco tempo, não conseguem conciliar a sua percepção com sua natureza implícita. Logo a convivência um com os outros e a capacidade de perceber a si mesmo para reivindicar uma identidade e assim, diferenciar-se do próximo, dependeu de uma simplificação das representações probabilísticas que o mundo possibilita.

A consciência e a sociedade dessas cargas evoluíram com algumas limitações, como rodinhas de bicicleta para quem está aprendendo a andar. Para conseguir se expressarem e compreenderem minimamente a realidade que lhe foram impostas, o tempo e o espaço foram suas rodinhas de sustentação para não se perderem em meio a infinidade de possibilidades que os compõem.

Nem todas as cargas concordaram com isso ao decorrer da história. Houve vários casos das quais treinaram para lembrar as capacidades que possuem. Foram reprimidas, brutalmente. A estabilidade social dependia disso, as cargas não mais acreditavam em sua origem, apenas lembravam

que precisavam produzir energia. Desacreditando de sua origem, precisaram justificar com outros meios para o mesmo fim e faziam tudo que fosse preciso para isso.

Com o tempo, a sociedade foi ganhando mais força e os casos de reivindicar esses potenciais se tornou menos presente. Afinal as distrações externas já eram tão inúmeras quanto esses potenciais internos.

As cargas não acreditam que o planeta ganhou consciência. Essa história se tornou conto para as crianças.

As cargas acreditam que evoluíram sozinhas para a consciência e que inventaram toda as foram que carregam.

Para elas o que o planeta faz é desconhecido, para elas como o planeta interagem com elas é irrelevante.

Não sabem e não querem saber. Por conta disso, pouco se sabe o que aconteceu depois que o planeta ganhou consciência.

Como também pouco sabem das suas potências implícitas, usam uma fração mínima deles para conseguir mantes as limitações do ego que carregam como a sociedade que o sustenta e o estimula.

É proibido alterar suas formas mais do que as conhecidas e catalogadas. Os que os fazem vão para reformatórios ou clínicas de reabilitação. Hoje em dia, dizem que melhorou, mas a muito tempo na história eram simplesmente mortos. A sociedade teme o que uma carga pode fazer com as infinitas formas que possuem internamente.

As cargas descarregam essa energia acumulada de diversas formas, seja em sonhos ou em atos. Dos mais bonitos aos mais cruéis. A infinidade não pode ser parada por concepções limitadas, a vazão desse instinto é inevitável. Disso surgem obras de arte e guerras entre as cargas, mesmo que não compreendam o porquê fazem isso, o fazem até a morte.

Dizem os antigos que as cargas viviam para sempre. Mas para a consciência limitada torna-se impossível lembrar-se de sua infinidade, se não aos poucos. E com o mesmo tempo que usam para se perceber, constataram que a longo prazo a subjetividade gerada por essa consciência aparentemente tinha de apagar memórias antigas para criar novas. Mantendo assim sua subjetividade, mesmo que fosse outra, o que não importava, pois já não se lembraria mais. Os grandes anciãs e anciões conseguiam acessar a memória para além de sua subjetividade, ao mesmo tempo que eram considerados sábios, também eram considerados loucos. Para a maior parte das cargas, tentar lembra-se disso é um ato que ameaça a própria subjetividade que não quer abrir mão, logo aderiram sem perceber a premissa de que sem sua subjetividade, sua existência também acaba. Para a maioria das cargas é preferível simplificar as coisas: cargas vivem e morrem. Já é difícil demais viver com memória de uma vida só.